

ASPECTOS DA FOTOGRAFIA AMADORA COMO FENÔMENO SOCIOCULTURAL

José Otavio Lobo Name¹

Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC

joname@uesc.br

Resumo: Levantamento de fontes históricas, teóricas e mercadológicas acerca dos fenômenos envolvidos com a prática da fotografia amadora. Abordagem teórica da fotografia amadora como objeto de conhecimento passível de análise científica. São apresentadas reflexões que apontam para a ampliação do potencial expressivo deste tipo de registro fotográfico, e para o estabelecimento de novas metodologias de utilização do meio.

Palavras-chave: práticas familiares; câmeras compactas; registro social.

Introdução

Nesta apresentação iremos realizar um breve levantamento histórico e mercadológico do que se define por fotografia amadora, além de revisar certos aspectos teóricos referentes ao tema. Apresentaremos algumas reflexões preliminares surgidas durante a elaboração do projeto de pesquisa “Estabelecimento de propostas de ensino para uso de fotografia amadora como forma de documentação pessoal e grupal”, apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz. O trabalho, atualmente em execução, foi idealizado a partir da observação de que a fotografia amadora não tem tido todo o seu potencial comunicativo e documental explorado plenamente não só por parte de quem a pratica como também por parte de quem dela se serve como objeto de pesquisa.

¹ José Otavio Lobo Name - Professor Assistente A de Vídeo-Teoria e Prática do Departamento de Letras e Artes da UESC. M.A. in Studio Art – New York University, 1996; Bacharel em Comunicação Social – Cinema – Universidade Federal Fluminense, 1990



A fotografia amadora constitui-se num campo fenomenológico próprio, razoavelmente destacado das demais práticas fotográficas, implicando que apenas algumas reflexões teóricas já produzidas a respeito da fotografia possam ser estendidas à fotografia amadora. É de se estranhar que um processo social já tão antigo e bastante entranhado na vida das pessoas não tenha recebido ainda a devida atenção por parte dos estudiosos da imagem. Dentre as características que tornam a prática amadora singular podemos listar o volume de negócios realizados neste mercado, em comparação às demais vertentes fotográficas; um certo grau de universalização de materiais e práticas, causada pela precoce globalização deste mercado; e por ela ser uma forma de expressão praticada por um enorme número de pessoas, a elas possibilitando um canal de identificação pessoal e de inserção grupal.

O fato de ser geralmente exercida de modo coadjuvante a uma outra atividade social não impediu a prática fotográfica amadora de prosperar desde o seu surgimento, no limiar do século 20. Apesar de os amadores partilharem basicamente dos mesmos recursos tecnológicos das práticas profissionais; e de os rituais familiares urbanos serem basicamente os mesmos para todos, não há uma aparente unidade nas fotografias amadoras e sim a individualidade de cada imagem como objeto sógnico. Esta individualidade é conferida à foto amadora por ela estabelecer uma forte relação emocional para com as pessoas envolvidas na imagem, sejam fotógrafos ou fotografados. Poder-se-ia dizer que toda foto amadora é igual, só que única, incomparável, pois revestida de significados conferidos por quem nela está envolvido. A fotografia profissional, seja jornalística ou publicitária, é produzida para gerar efeitos comunicativos mais amplos, socialmente significativos, e por isso mesmo múltiplos e descarregados de vínculos emocionais individuais.

A delimitação do objeto de estudo não é somente uma necessidade preliminar como também vem justificar a relevância do tema. As observações a seguir têm por objetivo destacar aspectos da fotografia amadora que a inscrevem como genuíno fenômeno sociocultural e legítimo objeto de estudo.



A fotografia amadora não está aqui colocada em oposição à fotografia profissional. O termo “amador” não se refere apenas ao fato de ser uma atividade não-remunerada, realizada nos momentos de lazer. Aliás, mesmo como *hobby* ela se distingue das demais práticas amadoras. Diferentemente de quem pratica a jardinagem, a marcenaria ou mesmo a pintura como passatempo (atividades que, de certa forma, reproduzem a correspondente prática profissional em menor escala e comprometimento), o fotógrafo amador produz um tipo de fotografia inteiramente distinto do profissional. Ou seja, o fotógrafo amador irá operar um equipamento diferenciado, terá como assunto uma temática diferenciada e dele irá extrair uma abordagem inteiramente diferenciada daquela resultante da prática profissional. Neste ambiente existe ainda espaço para o amador avançado, aquele que irá investir em equipamento e conhecimento de forma a obter resultados de nível profissional, ainda que seja para seu deleite pessoal apenas. No mercado norte-americano de fotografia este amador avançado é chamado de *prosumer*, uma junção das palavras inglesas para profissional e consumidor. Refere-se ao consumidor final (amador) que consome e produz fotografia em ritmo e qualidade quase profissionais. Nos EUA a fotografia é o *hobby* mais praticado, e há um enorme segmento de câmeras e serviços semi-profissionais à disposição no mercado.

Alguns autores utilizam o termo “fotografia familiar” para se referir à prática essencialmente amadora, contornando a oposição amador *versus* profissional. Embora venhamos aqui a utilizar ambos os termos sem maiores distinções, ampliando a abrangência da família para as relações de amizade e intimidade, devemos chamar a atenção ao fato de que a prática fotográfica amadora realizada durante os eventos rituais da família contemporânea – aniversários e outras festas, formaturas, apresentações esportivas ou artísticas – acaba por interagir com o evento, tornando-se um aspecto indispensável – ainda que coadjuvante - de sua liturgia. Iremos retornar a este ponto um pouco mais adiante. Para o momento, podemos fechar a seguinte definição para a fotografia amadora: prática que utiliza um equipamento fotográfico pequeno e leve, de fácil manuseio e recursos específicos, destinado ao registro de aspectos cotidianos e de momentos de significados pessoais e grupais. A prática se estende ainda à utilização dos serviços de processamento



destinados ao amador e ao gesto de colecionar, apresentar, e apreciar fotografias de pessoas, lugares e momentos de importância pessoal.

Levantamentos histórico e mercadológico

O fato fundador da fotografia amadora é o lançamento da *Eastman Kodak Company*. George Eastman, fundador da empresa, começou a se interessar por fotografia quando ainda era funcionário de um banco, em 1877; mas considerava muito complicado o processo de chapas úmidas de colódio, que necessitavam ser sensibilizadas instantes antes da exposição. Ao tomar conhecimento de experimentos com emulsões de gelatina que podiam ser utilizadas depois de secas, Eastman inventou uma máquina para a produção em série de chapas secas de brometo de prata. Desenvolveu em seguida o filme em rolo, com o propósito de produzir algo leve e prático destinado à popularização da fotografia. O seu mérito não está numa invenção ou descoberta em si, mas no desenvolvimento de meios para a produção em larga escala de filmes fotográficos. Até o surgimento do *Eastman's American Film* cabia ao fotógrafo a tarefa de revelação dos negativos; desde então o trabalho de processamento e copiagem é realizado por empresas especializadas, cabendo ao fotógrafo apenas o ato de fotografar.

O filme em rolo permitiu o surgimento da câmera Kodak, em 1888. Pequena, leve e de simples operação, a máquina foi lançada com uma campanha publicitária baseada na frase “Você aperta o botão, nós fazemos o resto”. De fato, ao fotógrafo cabia apenas enquadrar e disparar. Terminado o filme de cem poses, a câmera era enviada à companhia, que devolvia ao cliente as cópias reveladas e a câmera recarregada com um novo rolo de filme. A câmera e o filme eram produzidos de forma que não eram necessários muitos ajustes em adaptação às diferentes condições de luz e assunto. E o fato de a câmera estar sempre carregada de filme criava oportunidade de mais fotos serem produzidas.

Mais do que a criação dos equipamentos, o mérito da Kodak está na criação do conceito de mercado da fotografia amadora, praticado quase sem alteração até hoje. Este conceito se baseia no constante relacionamento entre o fotógrafo e o fornecedor de filmes e serviços de laboratório, no qual o possuidor da câmera praticamente se compromete a



sempre consumir insumos e serviços. Desde então, a história deste fenômeno de mercado foi construída através de avanços no desenvolvimento de câmeras, filmes e serviços, e vem provocando um profundo impacto sobre a vida cotidiana.

A partir da Kodak, e principalmente após a criação do filme de emulsão sobre uma base transparente de celulose ou acetato no início do século 20, diversos modelos de operação simplificada foram lançados, dispensando o fotógrafo das complicadas operações de determinação da exposição. O público feminino, que até o surgimento da Kodak se intimidava com a complexidade, o tamanho e o peso do equipamento fotográfico, vem a aderir à fotografia em crescente número (WEBER, 1995, p. 18).

O funcionamento das câmeras se torna cada vez mais automático de modo a tornar sua operação mais acessível, e recursos extras são incorporados de forma a melhor adequar o aparelho às situações típicas da fotografia amadora, como o *flash* embutido (com redutor de olhos vermelhos nas versões mais recentes); o *self-timer*, que permite que o fotógrafo também apareça na foto; e o datador que imprime data e hora sobre o fotograma. Observe-se que são recursos tecnológicos voltados para um uso amador da câmera, recursos dos quais um fotógrafo profissional raramente irá lançar mão. O *self-timer*, em especial, reflete o caráter familiar da fotografia amadora ao permitir que todos os membros da família apareçam na mesma foto sem que seja necessária a ajuda de pessoas estranhas à intimidade do momento. Podemos afirmar que o desenvolvimento tecnológico das câmeras amadoras foi na direção do distanciamento das qualidades dos modelos profissionais, cujos recursos exigem um aprendizado específico por parte do operador.

Outro fator tecnológico a pesar no desenvolvimento do mercado amador de fotografia foi a criação de filmes fotográficos que atendessem às necessidades e limitações deste tipo de fotografia. O tipo de filme mais usado pelos amadores é o negativo colorido de sensibilidade média. Diferenciam-se dos filmes profissionais por duas características: Em primeiro lugar, possuem uma grande latitude de exposição, ou seja, produzem imagens de qualidade semelhante mesmo em condições extremas de iluminação (cenas muito claras ou muito escuras). Esta característica se adequa perfeitamente aos modelos mais simples, as câmeras de foco fixo, que não permitem nenhuma forma de ajuste da exposição. Estes



modelos, dentre os quais estão as câmeras de uso único (também chamadas de “filme com lente”) e as máquinas *focus-free*, vêm de fábrica com a exposição e o foco pré-ajustados, e oferecem resultados razoáveis apenas devido à larga latitude de exposição e ao fato de os temas fotográficos amadores serem mais ou menos previsíveis: passeios em dias de bom tempo e festas, quando o *flash* da câmera é utilizado. Outra característica distintiva dos filmes destinados aos amadores é uma reprodução de cores que poderíamos chamar de “temperada”. Apesar de os anúncios publicitários às vezes proclamarem fidelidade à natureza, quase todos os filmes amadores atuais são preparados de modo a produzirem imagens mais satisfatórias aos olhos do observador. Mais uma vez, isso é feito baseando-se na previsibilidade da temática amadora: os filmes amadores irão apresentar céus mais azuis e tons de pele mais saudáveis.

Um marco relevante da história da fotografia amadora ocorreu em 1989 quando as empresas Kodak e Fuji, maiores fabricantes de filmes, e Canon e Nikon, os mais importantes fabricantes de câmeras, uniram-se para o anúncio do APS, sigla em inglês para “Sistema Fotográfico Avançado”. Trata-se de um novo formato de filmes e câmeras, com recursos tecnológicos voltados ao amador. Através de uma banda magnética presente na base do filme, câmera, filme e laboratório trocam informações sobre exposição, condições de iluminação, tamanho e quantidade de cópias etc., dispensando o fotógrafo amador do gerenciamento de várias etapas de todo o processo fotográfico. Atualmente o formato APS sofre uma severa concorrência das câmeras digitais.

Com 83 milhões de rolos vendidos em 2003, o Brasil se iguala à China, à Índia, à Rússia e ao México como país de grande potencial de crescimento de vendas de filmes, uma vez que na Europa, nos Estados Unidos e no Japão a migração para as câmeras digitais (incluindo os *phonecams*, celulares com câmeras) já é uma realidade. Os filmes de uso amador respondem por 80% das vendas. A Kodak, com 49%, e a Fuji, com 39%, lideram o mercado de filmes. Há predominância quase absoluta da venda de filmes coloridos para cópias em papel, sendo os filmes cromo, preto e branco e instantâneo (tipo Polaroid) de uso quase exclusivamente profissional.



Existem 23 milhões de câmeras compactas em atividade no Brasil (excetuando-se as adquiridas no exterior). Foram comercializados 2,7 milhões de unidades em 2003, sendo 82% de foco fixo, 9% digitais, 6% compactas com *zoom* e 3% de uso único. A marca mais vendida entre os modelos de filme é Yashica. Observa-se que a preferência por câmeras compactas com *zoom* vem cedendo lugar aos modelos digitais, pela proximidade de preço, pelo valor da novidade, e pela agilidade de difusão da foto digital. A venda de compactas digitais aumentou cinco vezes em relação a 2002. As câmeras fotográficas estão presentes em menos da metade dos lares brasileiros. Em termos mercadológicos, seria necessário estar presente em pelo menos 70% dos lares para ser considerado um produto popular.

O setor econômico da fotografia movimentou 7 bilhões de reais em 2003 (0,5% do PIB nacional) divididos em 64% no varejo e 36% no mercado profissional. Sessenta milhões de pessoas visitaram lojas de fotografia no ano passado, mas há de se levar em consideração que cada serviço completo incorre em três visitas do consumidor à loja: para comprar o filme, levá-lo para revelação e para receber as cópias. Os brasileiros consumiram 0,45 rolos de filme por habitante em 2003 (Revista FHOX, 2003).

As limitações deste trabalho deixam de fora uma pesquisa mais detalhada dos fenômenos decorrentes da introdução no mercado das câmeras digitais amadoras, e dos serviços a elas relacionados. Mas não podemos deixar de citar os “fotologs” como exemplo das características exclusivas da fotografia amadora. O pioneiro destes sites de “diários digitais”, o “Fotolog.net”, foi criado na intenção de fazer seus participantes partilharem fotografias de cunho artístico. No entanto, grande parte dos usuários inscritos (na sua maioria brasileiros) preferiu utilizar o espaço para apresentação de fotos de caráter pessoal e amador. O site atualmente limita a participação brasileira a cinco inscrições diárias, e muitos outros sites semelhantes surgiram desde então, alguns ligados a serviços de cópiagem de fotos destinados aos amadores.

A transformação de uma invenção paradigmática da cultura moderna num precoce mercado de consumo provocou o aparecimento e a modificação de práticas familiares e de rituais sociais, com um impacto na sociedade cuja dimensão ainda não foi de todo avaliada.



Algumas abordagens teóricas

Vilém Flusser (1998), em seu ensaio para uma filosofia da fotografia, chama a atenção para o fato de que as fotos são imagens técnicas que não necessitam de nenhum aparelho especial para sua difusão e recepção. Podem ser guardadas na gaveta, colocadas na parede ou na carteira. É o primeiro objeto pós-industrial: seu valor transferiu-se do objeto para a informação. Assim é que a importância que o amador irá conferir a uma fotografia está relacionada ao objeto registrado, e os aspectos físicos e comunicacionais da imagem mais valorizados serão aqueles que favoreçam a verossimilhança entre o objeto retratado e a sua imagem.

A fotografia amadora está de tal forma entrelaçada às relações sociais que praticamente todo ritual irá contar com o registro fotográfico amador. Na sociedade urbana contemporânea a expressão máxima da vida privada está relacionada ao entretenimento, ao lazer. Cada vez mais a expressão da individualidade e das relações familiares se dá através de práticas ligadas à diversão, ao *hobby*, ao trabalho-por-prazer. Há por isso um grande investimento na criação e manutenção de práticas ligadas ao consumo cultural, como a moda, os filmes e músicas, os esportes radicais e os jogos *on-line* etc. Assim sendo, o indivíduo urbano contemporâneo irá manifestar o seu papel no mundo não mais somente através do trabalho – mesmo que a escolha da carreira se dê hoje tanto pela necessidade de mercado quanto pelas aptidões pessoais – mas de modo importante através do uso que faz de seu tempo livre e de suas opções de consumo cultural. A fotografia familiar irá, portanto, reforçar a identificação do indivíduo com as atividades que o definem, já que são os momentos de lazer e dos rituais familiares que serão registrados. A existência do indivíduo passa a ser pautada pelo registro fotográfico, não apenas registrada por ele (SLATER, 1995).

No entanto, (ainda segundo Flusser) embora haja uma efetiva participação do fotógrafo amador nos rituais sociais ao seu redor, seu papel não é o de agente do registro da memória, mas sim o de “funcionário” de um sistema que lhe indica o que e como fotografar. O aparelho fotográfico amador é extremamente simples, embora apoiado em complexa tecnologia. Ele é parte do sistema (indústria) da fotografia, que age no sentido de



que mais e mais fotografias sejam realizadas, em todos os momentos, de modo automático (como as câmeras). Neste quadro não existe um espaço para o estabelecimento do papel que o registro fotográfico está a exercer para o indivíduo e o grupo.

Em termos semiológicos, podemos afirmar que a fotografia familiar tem, predominantemente, o caráter de índice, uma vez que a informação do signo se refere principalmente ao objeto retratado, com grande ênfase na relação física causal entre o evento gerador da foto e o filme. No entanto, na medida em que o próprio evento é pautado de forma a possibilitar a pose, a fotografia passa a se referir não a um objeto-evento de existência real, mas a uma construção (quase uma idealização mítica) do que deveria ser. Portanto, sua aparência material já não remete inteiramente à realidade do evento gerador, mas sim à ação interpretativa de uma consciência externa, tornando-a um hipóicone, na medida em que a imagem passa a se constituir em objeto em si, já destacada do objeto que lhe deu origem, mas sem perder totalmente sua relação causal com ele. A consciência definidora do significado não é a do fotógrafo amador, e sim de todo o conjunto de relações que rege a fotografia amadora, dos processos industriais às manifestações ritualísticas do grupo. Há uma alienação do domínio da linguagem fotográfica, restando ao amador um papel funcional de construção da memória (MACHADO, 1984).

Registros fotográficos vêm sendo utilizados como fontes iconográficas em pesquisa histórica, e o estudo dos processos de produção de fotografias é uma etapa importante do trabalho, por contribuir para uma maior compreensão das circunstâncias em que a imagem foi produzida. Aceitando-se que a imagem fotográfica é um registro fidedigno da realidade posta à frente da câmera, ainda assim esta imagem não informará sobre a realidade das condições em que a fotografia foi feita nem das circunstâncias históricas que cercaram o evento registrado.

É certo que a fidedignidade do conteúdo de uma fonte histórica está diretamente relacionada com seu autor, e nesse sentido que é mister que se tenham detalhes de sua vida, de seu comportamento individual e social, de sua situação econômica, bem como de sua obra, conjunto de informações cuja determinação em profundidade não é tão simples de se alcançar pelo pouco que se sabe da vida dos pioneiros fotógrafos, autores das imagens que devemos analisar (KOSSOY, 2001, p. 105).



O mesmo se aplica aos fotógrafos amadores, dos quais nem sempre se poderá conseguir informações exclusivamente através do exame das fotografias; é necessário que se procure conhecer de que forma os amadores agem, e em que condições o registro foi feito. A fotografia tem, para o amador, o papel de construtora da memória, realizando a identificação do indivíduo como uma certa visão de mundo. Como se percebe que as situações retratadas nas fotos amadoras são rituais sociais que por si só conferem determinada interpretação aos eventos da vida, é necessário que, ao se lançar mão da análise de fotografias amadoras para pesquisa histórica, seja feita uma análise iconológica de seu conteúdo. Tal análise irá levar em consideração aspectos exteriores àqueles apresentados na imagem, trazendo, no entanto, uma perspectiva mais ampla da realidade estudada.

A pesquisa histórica em fotografia tem focado em duas linhas principais: o levantamento de fotógrafos e registros pioneiros e a observação de situações passadas através do exame de seus registros fotográficos. Os fenômenos relativos à produção e consumo de fotografia por parte dos amadores não tiveram ainda uma abordagem específica, sendo encarados às vezes como uma variante da fotografia profissional; outras como um material iconográfico regular. A fotografia amadora como objeto pesquisa possui outras informações culturais além do registro de repetidos eventos sociais.

Conclusão

As considerações acima servem como um breve ponto de partida para os caminhos que uma pesquisa de maior vulto sobre a fotografia amadora poderá tomar. A fotografia amadora tem uma inclusão já bastante avançada no dia-a-dia das pessoas, além de se constituir num vigoroso mercado de consumo. É um campo em que se pode realizar um trabalho de importância envolvendo práticas populares, reflexão acadêmica e participação mercadológica.

Um ponto que desperta grande interesse é a possibilidade de estudar e interferir nas formas de registro individual e grupal realizado pelos fotógrafos amadores, de modo a se



expandir as possibilidades criativas e comunicacionais do meio. A interferência seria no sentido de fazer ver ao fotógrafo amador a poderosa ferramenta de construção de um discurso próprio de que ele dispõe, e nele desenvolver aptidões comunicativas correspondentes. A exclusão do indivíduo da tribuna do discurso visual (dominado pelos grandes produtores de significado imagético) é tão grave nos dias de hoje quanto o analfabetismo e a já tão falada exclusão digital. Não se trata de ensinar fotografia (embora este aprendizado seja uma decorrência da atividade orientada), mas sim de demonstrar ao praticante as enormes potencialidades de um meio de expressão relativamente simples.

A prática amadora da fotografia é uma atividade normalmente realizada no âmbito de outras atividades sociais, normalmente relacionadas ao lazer e às festividades. Oferece, portanto, ricas possibilidades de referência a aspectos diversos da vida do indivíduo e de sua relação com a família, o trabalho, o grupo e o espaço geográfico por estes ocupado. A pesquisa que estamos a iniciar nos indica que existem campos de atuação que possibilitem levar o praticante amador a uma reflexão sobre o material que vem sendo produzido. Sem alterar muito o ambiente de espontaneidade em que as fotos familiares são feitas, ações podem ser realizadas de modo a amplificar o poder de expressão e comunicação deste meio, com efeitos positivos sobre a auto-imagem e a educação formal do indivíduo e do grupo.

Diferentemente do uso do computador, que age em múltiplas instâncias de inserção social (comércio e *banking* eletrônicos, acesso à informação, grupos heterogêneos de discussão etc.), mais relacionadas aos aspectos profissionais e financeiros de inserção social, a fotografia amadora oferece um canal de reprodução de valores e práticas da cultura popular desvinculados de uma visão folclórica desta cultura. É um meio tecnológico contemporâneo, e não uma prática tradicional cultuada em algum nicho social exclusivo. Ela realiza um traço de união entre práticas familiares de diferentes extratos sociais, devido ao custo relativamente baixo do registro fotográfico amador. E pode tornar o seu praticante num verdadeiro agente da construção de significados próprios de sua vida e de seu grupo.

Pesquisas mais detalhadas sobre a fotografia amadora ou familiar devem trazer o benefício de, além de ampliar o conhecimento acadêmico sobre o tema, permitir o



planejamento de ações educativas que se utilizem de diversos aspectos do fenômeno. Aliando-se a facilidade de uso do equipamento amador a uma orientação que permita ao praticante explorar os limites expressivos do meio, é possível desenvolver um trabalho de criação com grupos de trabalhadores, estudantes, aposentados etc. Em cada grupo, questões como o meio ambiente, a realidade social circundante, meios e modos de produção, gênero, etnia, opção sexual podem ser ricamente exploradas, com efetiva participação dos membros do grupo.

Referências Bibliográficas

FLUSSER, Vilém. **Ensaio sobre a fotografia – Para uma filosofia da técnica**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1997.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MACHADO, Arlindo. **A ilusão especular – Introdução à fotografia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

REVISTA FHOX. **Performa 2003 - Pesquisa de mercado de fotografia**. São Paulo: Editora FHOX, s/d.

SCHARF, Aaron. **Art and photography**. New York: Penguin Books, 1986.

SLATER, Dan. Domestic photography and digital culture. In: **The photographic image and the digital culture**. New York: Routledge, 1995.

WEBER, Eva. **Pioneers of photography**. New York: Smithmark Publishers, 1995.

